

O triplo combate do jornalismo literário

Epistemológico, estético e temporal

AILTON SOBRINHO

*Centro de pesquisa sobre Literaturas e Sociopoética
(CELIS)*

Universidade Clermont Auvergne
ailton.pereira_rezende_sobrinho@uca.fr
0000-0002-3552-2138



ituado em uma posição privilegiada na intersecção de diferentes disciplinas, constituindo assim um campo multidisciplinar, o jornalismo literário, considerado um híbrido concreto (Chillón, 1999), trava combates, por vezes, sem ter a pretensão de vencê-los. Isso ocorre porque reconhece que a sua força disciplinar e metodológica provém de campos adjacentes. Enriquecido e moldado não apenas pela literatura, mas também por outras áreas das ciências sociais, como a antropologia, a sociologia e a história, o jornalismo literário se apropria de elementos herdados de cada uma dessas disciplinas.

Charon (1996, p. 16), referindo-se às diferentes áreas que contribuem para o desenvolvimento da atividade jornalística, seja ela tradicional ou literária, considera que o jornalismo “não pode deixar de se alimentar de suas abordagens [...], de seus métodos de trabalho”. No que diz respeito à proximidade entre jornalismo e literatura, relação que nos interessa primordialmente, o vínculo cultivado entre eles ao longo do tempo não apenas possibilitou, como ainda possibilita, uma constante aproximação mútua, embora persista uma fronteira paradoxal que, ao mesmo tempo, os separa e os une. Nesse sentido, Cicurel e Moirand (citados por Gabet, 1997, p. 327) afirmam que essa delimitação, além de existir, é difícil de definir, porque a literatura e o jornalismo “brincam de esconde-esconde e tomam emprestados

**Pour citer cet article, to quote this article,
para citar este artigo**

Ailton Sobrinho, « O triplo combate do jornalismo literário: epistemológico, estético e temporal », *Sur le journalisme, About journalism, Sobre jornalismo* [En ligne, online], Vol 13, n°2 - 2024, 15 décembre - december 15 - 15 de dezembro - 15 de diciembre.
URL : <https://doi.org/10.25200/SLJ.v13.n2.2024.512>



traços que caracterizam o outro gênero. A literatura gosta de assumir a figura da realidade e a realidade às vezes se veste com os ornamentos estilísticos da literatura”. Essas inter-relações tornam os combates epistemológico, estético e temporal do jornalismo literário de certa forma latentes, porém constantemente presentes.

Assim, no âmbito do presente artigo, daremos enfoque aos prélios que poderíamos considerar, pelo menos na hora atual, intrínsecos ao jornalismo literário para se forjar um espaço nas produções jornalísticas e adquirir uma posição de autonomia em relação às disciplinas que lhe são próximas. O objetivo é discutir essas questões, articulando, ao mesmo tempo, o arcabouço teórico, que tende a defender a emancipação epistemológica do jornalismo literário, e produções que reivindicam o selo jornalístico-literário, como é o caso das reportagens de guerra de Joel Silveira.

Além de recorrer a um levantamento bibliográfico para contextualizar e discutir o posicionamento do jornalismo literário, que ora se apresenta como gênero, ora como disciplina, e, em outros momentos, como um campo de estudos, adotamos no referido artigo uma metodologia de análise textual, tendo como corpus a coletânea de 35 reportagens publicadas no livro *O inverno da Guerra* (2005), de Joel Silveira. Evidentemente, o restrito espaço acordado à publicação do artigo não nos permite prolongar as análises e nem nos dedicar à totalidade das matérias. Apresentamos, portanto, a partir de exemplos pontuais retirados de algumas reportagens, breves demonstrações do que poderia ser a essência do combate estético e temporal travado por Silveira. Por meio da análise do corpus, pretendemos, assim, verificar como o jornalista desferiu o referido combate textual, tecendo uma linguagem factual e literária própria às produções jornalístico-literárias, e refletir sobre um outro combate, desta vez mais amplo, que se situa na esfera epistemológica, ligado à natureza do jornalismo literário.

COMBATE EPISTEMOLÓGICO

O próprio termo “jornalismo literário”, apelação consagrada pela *International Association for Literary Journalism Studies* (IASLJ) para designar as relações entre jornalismo e literatura, evoca uma interdependência entre os dois campos. Por um lado, Faria (2011, p. 42) afirma que o jornalismo literário, “apesar de respirar literariedade, nunca pode deixar de ser jornalismo”. Por outro, essa filiação que subordina o jornalismo à literatura, confere ao híbrido resultante dessa junção um valor estético e cultural. Nesse sentido, Keeble e Tulloch (citado por Keeble, 2018, p. 907) consideram que “a adição de literário ao jornalismo pode

ser visto como dignificando o último e dando-lhe um mínimo de classe cultural”.

A apelação “jornalismo literário”, também consolidada no Brasil, em partes graças às pesquisas realizadas por Lima (1993), embora seja a mais comum, está longe de ser a única utilizada para descrever a relação entre os campos do fato e da ficção. Dessa relação, surgiram também várias outras denominações, tais como: romance de não ficção (Capote, 1966), jornalismo diversional (Marques de Melo, 1985), literatura do real (Talese, 1995), jornalismo narrativo (Kramer, 1995), literatura da realidade, não ficção criativa (Lima, 2014), jornalismo em profundidade (Martinez, 2016) e jornalismo experiencial (Sobrinho, 2022)¹. Essa miríade de nomes com significados múltiplos enuncia, por um lado, a fecundidade e o caráter plurívoco e híbrido desse jornalismo e, por outro, “a falta de teorias sólidas sobre o fenômeno” (Chillón, 1999, p. 185). Parratt (2003), quanto a ela, sugere que essa panóplia de nomes revela a existência irrefutável de um processo dinâmico de hibridação em sua formação. Esse processo é conduzido, segundo a autora, por jornalistas e escritores que insistem em combinar jornalismo e literatura em seus textos. Para Lima (2014, p. 10), essa combinação resulta numa produção textual considerada próspera pelo autor, uma vez que o jornalismo literário “procura transcender o nível importante – mas meramente informativo – de uma boa parte da produção jornalística, para alcançar voos de maior ambição”.

Além da constelação de nomes atribuídos ao jornalismo literário, a classificação dessa modalidade jornalística como gênero (Wolfe, 1973; Connery, 1992; Chillón, 1999) é outra fonte de impasse epistemológico. Apesar de influenciado por procedimentos literários e apoiado em uma abordagem jornalística, o jornalismo literário reivindica ousadamente a sua autonomia em detrimento de seu status de gênero. Para isso, ele tenta se elevar a uma dimensão de disciplina (Bak & Reynolds, 2011; Bak & Martinez, 2018). As discussões em torno de sua classificação como gênero ou disciplina demonstram, portanto, um modelo ainda em construção e em busca de uma certa afirmação epistêmica.

Conceber o jornalismo literário como um gênero nos parece bastante lógico, considerando que os textos jornalísticos e literários se inscrevem num sistema de categorização. Mas o desejo de rotulá-lo como uma “disciplina” seria uma forma de lhe conceder um caráter mais acadêmico e científico. Pelo menos, é o que defendem os autores que preconizam essa ideia. Eles reconhecem, no entanto, que, para alcançar esse status, o jornalismo literário teria de ter suas próprias teorias e metodologias. Nesse sentido, Bak e Martinez (2018), admitindo o combate epistemológico dessa modalidade jornalística, afirmam que

os estudos de jornalismo literário enfrentam continuamente o desafio de formular seus próprios métodos de pesquisa, que permitam afirmar sua autoridade e autonomia, bem como emprestar seus recursos epistemológicos a outras disciplinas confrontadas com a resolução de dilemas similares em torno da hibridação textual (Bak & Martinez, 2018, p. 646).

Corroborando com a afirmação acima, Bak e Reynolds (2011), tendo sido os primeiros a considerarem o jornalismo literário como uma disciplina, defendem a necessidade de passarmos a nos referir a essa modalidade híbrida “como deve ser: uma disciplina” (p. 18). Uma disciplina capaz de oferecer metodologias a outras e, sobretudo, alimentar-se delas próprias. Essa tentativa de promover a independência epistemológica do jornalismo literário em relação a outros campos – como se isso o empobrecesse e dificultasse seu desenvolvimento –, embora seja louvável, não sanaria todo o problema. E a razão é simples: o jornalismo literário, tendo constituído seu arcabouço teórico a partir de teorias do jornalismo e da literatura, tornou-se refém deles.

Sobrinho (2022) defende que uma forma de avançar as discussões em torno da classificação do jornalismo literário seria conferir-lhe o duplo status de gênero e disciplina. O que permitiria, segundo ele, considerar a sua natureza híbrida sem ter de renunciar à sua necessidade de autonomia. Bak e Martinez (2018), por sua vez, embora defendam o caráter disciplinar do jornalismo literário, reconhecem que para ampliar seu campo epistemológico seria melhor incluí-lo também no campo dos “estudos”. Na visão deles, “as disciplinas criam discípulos. Os estudos geram polivalidade” (p. 648).

A própria concepção de um jornalismo literário não aprisionado à noção de gênero lhe asseguraria o privilégio de continuar a se enriquecer com as pesquisas provenientes dos vários horizontes do jornalismo e da literatura, evitando assim e, de certa forma, a sua marginalização. Assumir as transversalidades que permeiam toda a produção jornalístico-literária, advindas de campos adjacentes, como o informativo, o literário, o histórico e o sociológico, mantendo seu interesse de emancipação epistemológica, não representaria um sacrifício nem uma ruptura total com as disciplinas vizinhas. Seria simplesmente uma forma de aceitar graciosamente sua filiação ao sistema de gêneros, de onde provêm as maiores contribuições para o estudo do jornalismo literário, e de reconhecer como “legítima a ambiguidade e a duplicidade” de seu discurso (Cosson, 2007, p. 254) e de sua metodologia.

Parece-nos, portanto, importante fazer coexistir as noções de gênero e disciplina em torno de um grande

projeto epistemológico do jornalismo literário, ainda que isso represente um combate para a modalidade. Um combate que exige esforço abrangente em prol da construção de um modelo “autônomo”². Considerando que os estudos sobre o jornalismo literário ainda são relativamente recentes, seu caminho epistemológico está a ser percorrido. Mas traçá-lo já é uma forma de contribuir para o desenvolvimento dessa modalidade inicialmente experimentada por Defoe no século XVIII, inaugurada oficialmente pelos homens da República das Letras no século XIX, intensificada por cronistas e repórteres, a exemplo de Joel Silveira no contexto brasileiro da primeira metade do século XX, e coroada por Tom Wolfe e tantos outros desde então.

COMBATE ESTÉTICO

O jornalismo literário é o resultado da combinação de dois elementos *a priori* opostos que superaram seus antagonismos para buscar não a perfeição estética, mas meios para alcançar a realidade profunda dos fatos (Sobrinho, 2022). A prática desse jornalismo, que está em constante evolução, visa a ultrapassar as fronteiras simbólicas e textuais estabelecidas pelas tradições e convenções, podendo, portanto, ser concebida como um ato de transgressão. O jornalismo literário, nos lembra Sobrinho (2022, p. 355), “desafia a rigidez dos gêneros, provoca a descentralização ou o deslocamento das fronteiras e destaca a força do híbrido”. Mas é no âmbito da escrita que essa modalidade trava o seu combate estético, tentando reinventar a produção jornalística e, ao mesmo tempo, promover a ruptura com a sua versão tradicional (Borges, 2013). Nesse sentido, o jornalismo literário oferece ao jornalista uma forma alternativa de representar os fatos. O jornalista-escritor procura, segundo Lima (2009, p. 14), dar um novo significado à realidade, reportando no texto os fatos “com vivacidade, vigor, valor estético e validade”. O jornalista-escritor empreende, dessa forma, no texto, uma batalha estética, cujo objetivo é também vencer o tempo³, seu principal adversário.

Assim, aliado à literatura, o jornalismo deixa de relatar fatos para contar histórias. A reportagem passa a ser imbuída dos mesmos processos adotados pelos escritores de um romance. As fontes, sejam elas oficiais ou não, tornam-se personagens. Os eventos não têm a obrigatoriedade de serem contados obedecendo uma certa cronologia, nem são estruturados de acordo com o princípio da pirâmide invertida. O jornalista, por sua vez, não é mais um mero relator de acontecimentos. Sua abordagem jornalística é comprometida e participativa e, no plano textual, ele realiza “um trabalho de linguagem aprofundado” (Pélissier & Eyriès, 2014, p. 2).

O jornalismo literário busca, dessa forma, uma estética que está ligada à linguagem e que não se ca-

racteriza, como diriam os formalistas russos, “por sua beleza, mas pelo caráter perceptível de sua construção” (Gabet, 1997, p. 325). A linguagem, qualificada por Barthes (1984, p. 14) como “o ser da literatura, seu próprio mundo”, se apresenta no jornalismo literário a serviço da construção discursiva e narrativa. Ela é a mestra do jogo nesse processo de estetização, pois é por meio dela que jornalistas e escritores dão forma ao que veem. É por meio da linguagem que eles exteriorizam sua visão do mundo e se armam para um combate estético, cuja batalha é disputada no terreno do texto. Mas no *front* do jornalismo literário, como nos lembra Chillón (1999), a linguagem literária incorporada à redação jornalística não pode ser considerada um mero ornamento estético.

Na Itália, a serviço dos *Diários Associados*, Joel Silveira, jornalista tido como um dos representantes do jornalismo literário brasileiro e considerado pelo poeta e cronista Manuel Bandeira o maior repórter do Brasil, cobriu a Segunda Guerra Mundial travando um combate contra a aridez do texto jornalístico tradicional e posicionando-se a favor de uma estética jornalístico-literária. Como repórter e correspondente de guerra, apesar de sua veia ácida que lhe rendeu o apelido de “víbora”, ele soube conciliar o interesse jornalístico e a arte literária na sua produção, interessando-se sob medida ao fato e à poética deles. Levando a sério o seu combate por um jornalismo liberto da censura e das amarras da objetividade, Silveira (1998, p. 184) dizia que “os jornais haviam perdido aquele sabor inigualável de pão saído do forno, eram agora como pão da véspera, dormido, murcho e sem gosto, difícil de mastigar e mais difícil de engolir”.

Convencido da necessidade de se destacar em um ambiente jornalístico que se profissionalizava⁴ e se modernizava tanto em relação à cadeia de produção quanto às técnicas de redação, sua opção pelo jornalismo literário foi consciente e sua produção, nomeadamente a produzida durante a cobertura da guerra, alcançou a patente da perenidade, a mais elevada desse jornalismo. Numa das inúmeras entrevistas concedidas ao longo de sua vida, Silveira revelou o seu combate: “Senti que precisava romancear o texto para me diferenciar do que era escrito na imprensa dos anos 30 e 40”⁵ (Pennafort, 2017). Foi também assumindo essa opção estilística, que visava dar contornos literários ao texto jornalístico, que o jornalista sergipano embarcou para sua missão de correspondente na guerra.

Já na sua primeira reportagem enviada para os *Diários Associados*, Silveira (2005, p. 21) dá o tom da sua cobertura, mesclando uma linguagem factual e poética, portanto *jornalístico-literária*, característica de sua escrita: “Escrevo esta minha primeira reportagem após 22 horas a bordo do transporte que nos desembarcará dentro de 16 dias em Nápoles. [...] As horas

vão passando – melhor, escorrendo”. Em termos de linguagem factual, a primeira preocupação do repórter é de legitimar o caráter jornalístico de seu trabalho, vinculando sua produção a uma reportagem, gênero nobre do jornalismo. Em seguida, Silveira apresenta informações que poderiam compor o lead de um texto jornalístico (Quem? O quê? Onde? Quando?), cuja função é despertar o interesse do leitor com economia de palavras, além de anunciar o aspecto geral da informação. Os números, que, na citação, referem-se a um elemento temporal, também reforçam a ideia de precisão jornalística, uma característica da linguagem factual. Quanto à segunda categoria de linguagem, embora o exemplo dado não a explore em demasia, ela é perceptível no desejo do autor de expressar, de forma poética, a passagem do tempo. Ao optar pelo verbo “escorrer” na construção frásica, o jornalista, além de acentuar a velocidade do movimento das horas, revela sua escolha pelo emprego de uma linguagem literária.

Numa outra matéria, intitulada “A primavera”, Silveira (2005, p. 133) escreveu: “Os gelos do inverno foram embora, derreteu-se a lama fascista, as verdades, como flores, estão nascendo novamente das raízes que pareciam definitivamente apodrecidas. [...] É a primavera que brinca aqui dentro da guerra”. Nessa reportagem, publicada nos momentos finais da Segunda Guerra mundial, o jornalista prenuncia, por meio da primavera, o possível encerramento do conflito, que mobilizou cerca de 60 nações e fez mais de 60 milhões de mortos. A chegada da nova estação, descrita poeticamente no texto, é apresentada como um sopro de esperança e contrasta com o inverno da guerra, metáfora utilizada pelo jornalista para descrever as condições depraváveis do conflito.

As reportagens de guerra de Joel Silveira travam, assim, um combate que se disputa entre a objetivização e a estetização. Fiel ao rito jornalístico, Silveira havia grande respeito pelo processo de construção da notícia, gênero informativo por excelência considerado pelo próprio repórter como “uma coisa muito sagrada”⁶. Para ele, o jornalista deveria “olhar a notícia assim como um cristão, um homem de fé, olha Deus: com a maior reverência, a maior humildade”⁷. Esse respeito dado ao fato fez com que o jornalista não rompesse completamente com o ritual de construção da informação, mas também não impediu que ele recorresse a uma aventura literária na sua atuação como jornalista.

Sobrinho (2022), que analisou em sua tese de doutorado as reportagens do jornalista reunidas no livro *O inverno da guerra* (2005), destaca duas estratégias utilizadas pelo autor que colocam em evidência um combate intratextual. A primeira é a estratégia de objetivização, utilizada no discurso jornalístico para manter o seu caráter factual, objetivo e verídico. Mot-

ta (2005) cita quatro recursos⁸ que participam desse processo: a citação⁹, a identificação sistemática de lugares¹⁰ e fontes¹¹, a datação¹² e os números¹³. As reportagens de Silveira fazem uso constante desses elementos, confirmando a preocupação do repórter com a precisão jornalística. Entretanto, na produção dele, como assinalamos, o aspecto factual que se traduz em uma busca por precisão nunca representou um freio à sua incursão literária. Pelo contrário, os vestígios de literariedade integrados ao seu estilo marcante e preciso convergiram para uma segunda estratégia que poderíamos descrever como jornalístico-literária. Essa estratégia, utilizada incessantemente por Silveira, combina, em diferentes níveis, o uso de recursos de objetivização e subjetivização na construção de sua narrativa de não ficção. O elemento de subjetivização, formado a partir de recursos extralinguísticos e intralinguísticos, está relacionado tanto à escolha de verbos, adjetivos e substantivos, quanto ao uso de figuras de linguagem e à presença de implícitos e pressuposições no texto.

Na citação a seguir, podemos vislumbrar a implementação dessa estratégia: “Hoje à tarde, enquanto eu esperava que os mineiros livrassem o caminho das minas, vi quando a noite foi chegando aos poucos, lenta, completa, sobre o calado mundo do cemitério”, escreveu Silveira (2005, p. 124). No trecho citado, escrito em primeira pessoa – o que já confere um traço de subjetividade –, o jornalista tende a se afastar da objetividade jornalística optando pelo uso de recursos literários. Assim, a operação de desminagem fica em segundo plano e a descrição poética do anoitecer torna-se predominante na narrativa. Para descrever o crepúsculo, Silveira utiliza a figura da gradação ascendente “a noite foi chegando aos poucos, lenta, completa”. Assim, a noite, cuja chegada surpreende o jornalista, invade subitamente não só “o calado mundo do cemitério”, mas também o texto. Esse calado mundo, aparentemente tranquilo, se opõe na narrativa ao perigo iminente das minas, que, se fossem detonadas, poderiam romper o silêncio a qualquer momento, numa dinâmica semelhante à chegada da noite. Tanto a objetivização quanto a subjetivização – duas estratégias complementares na construção do jornalismo literário – são utilizadas plenamente na reportagem. Elas contribuem, respectivamente, a favor da factualização e da estetização do texto jornalístico.

Num outro texto, a coabitação de estratégias que rivalizam o mesmo espaço da reportagem também é nítida.

Agora o bondinho tem que descer novamente para apanhar o *partigiano* Luigi e o pracinha Wilson. Mas não volta só: viemos encontrar aqui em cima, embrulhado em mantas de onde escorre um sangue velho, o corpo de um *partisan* que foi morto, ontem à noite, por uma

granada alemã. Seus companheiros deitam cuidadosamente o corpo na grama, e um deles se ajoelha. Reza qualquer coisa em voz alta, e um outro acompanha. Todos estão com seus gorros na mão. Um deles – se chama Pietro, é de Pádua, e o lenço vermelho enrolado no pescoço me diz se tratar de um comunista – me conta que o morto era um *buono ragazzo*, corajoso e sempre alegre. Chamava-se Lorenzo. Seus pais estão em Módena, a poucos quilômetros daqui, e o seu irmão mais velho, de 29 anos de idade, também é *partigiano*, para os lados de Verona. A granada arrebeitou sobre sua cabeça, e quando levanto a manta para procurar o rosto, encontro somente uma massa disforme e sangrenta e algum pouco cabelo louro. [...] E lá segue o corpo de Lorenzo, apagado para sempre, balançando sobre os abismos de sua terra. Seus companheiros ainda ficam aqui em cima alguns minutos, os olhos fixos no bondinho que se afasta. Chego a ver o comunista Pietro passar, rápido, a manga do paletó sobre os olhos, mas é só. (Silveira, em “A morte do partigiano”, 2005, p. 128-129)

Nessa reportagem, Silveira assume o papel de um narrador intradieético que participa das ações e que tudo observa. A linguagem empregada pelo jornalista é tão diversa quanto as técnicas narrativas utilizadas. As cenas são construídas de forma a revelar, como em uma sequência cinematográfica, diferentes planos que se sucedem¹⁴. No campo da objetividade, a linguagem é usada para situar o espaço e o tempo do acontecimento, para apresentar os personagens e para conferir certo grau de precisão ao fato reportado. No campo da subjetividade, as estratégias de linguagem utilizadas se baseiam na exploração de detalhes, no uso de adjetivos para descrever os personagens, na utilização de figuras de linguagem, como eufemismo, para falar sobre a morte de Lorenzo, “apagado para sempre”. O conjunto de estratégias corrobora para uma descrição realista e dramática do acontecimento e revela globalmente a crueldade da guerra. Ao adotar uma estratégia híbrida, combinando jornalismo e literatura, Silveira posicionou-se concomitantemente no *front* de combate discursivo do jornalismo literário e no *front* de combate temporal para assegurar ao seu texto uma perenidade.

COMBATE TEMPORAL

O jornalismo literário, pautado pela fidelidade à realidade, comprometido com o protocolo jornalístico e moldado por uma abordagem estetizante (Meuret, 2012), produz, como nos lembra Bak (2020, p. 11), “fatos incontestáveis com uma distância crítica digna da história [...] e fornece imagens dignas de nossos maiores romancistas, dramaturgos e poetas”. Seja nos campos de batalha ou no campo da escrita em geral,

essa modalidade jornalística relata histórias que são genuínas candidatas à perenidade.

Ao combinar elementos das duas áreas que lhe servem fundamentalmente de estrutura, o jornalismo literário tenta construir, da melhor forma possível, uma base textual que pretende ser sólida. Essa solidez não se revela somente do ponto de vista linguístico por meio de uma linguagem literária que confere qualidade ao texto, mas também está relacionada à durabilidade da escrita no tempo. Distanciar-se da qualidade efêmera e tornar-se perene representa o combate temporal do texto que reivindica o selo jornalístico-literário.

É preciso considerar que um texto publicado na imprensa, pouco importa o assunto ou a sua qualidade, é rapidamente vencido pelo tempo. Isso porque o texto jornalístico, subordinado à cadência da produção do jornal, é fadado à efemeridade e tem a sua temporalidade associada à sucessão de fatos e acontecimentos cobertos num ritmo inesgotável pela imprensa diariamente. Mas ao estabelecer uma aliança com a literatura, o texto jornalístico cogita uma certa filiação com a atemporalidade. Dessa forma, a temporalidade do jornalismo informativo, que também é a do jornalismo literário, está em tensão contraditória com a temporalidade¹⁵ da literatura, que, por sua vez, busca a atemporalidade.

Sem reivindicar um status exclusivamente literário, a vertente jornalística que mescla literatura e jornalismo tenta remediar essa discrepância (ou mesmo conflito) incorporando literariedade na composição das informações. A perenização, no entanto, não depende apenas de um processo de estetização do texto. Ela se refere, também, a uma questão de suporte editorial. Assim, mesmo que as produções inscritas no contexto jornalístico-literário reforcem seu caráter duradouro com o uso de técnicas literárias, é por meio da passagem do texto do jornal para o livro¹⁶, num processo visando a garantir longevidade à escrita, que ocorre a etapa crucial do processo de imortalização do texto.

Processo semelhante ocorreu com as reportagens de guerra de Joel Silveira publicadas inicialmente nas folhas do jornal *Diários Associados*. Ao ganharem as páginas do livro, seus textos venceram o combate temporal. Além de garantir uma proteção duradoura aos escritos, o livro oferece ao leitor a possibilidade de uma dinâmica de leitura diferente. Na imprensa, a leitura de uma matéria é ritmada pela própria maneira como o jornal é produzido. Não é por acaso que os artigos são separados em editoriais e que as informações obedecem uma lógica hierárquica, na qual a essência da informação é encontrada nas primeiras linhas para facilitar uma rápida leitura. Nesse sentido, como aponta Chartier (2011, p. 58), “o mesmo texto não é mais o mesmo quando muda o meio em que está ins-

crito e, portanto, as formas de leitura e o significado atribuído a ele por seus novos leitores”.

O livro, mais que oferecer aos textos uma forma de sobrevivência, graças à durabilidade e à fixidez proporcionadas, também é um objeto federador. As reportagens de Joel Silveira, publicadas de forma dispersa e fragmentada na imprensa ao longo de vários meses, finalmente encontraram uma unidade ao serem reunidas em livro, passando a compor uma única e grande história da guerra contada pelo correspondente brasileiro.

A publicação em livro de suas matérias participa do combate temporal travado pelo jornalista, somando-se ao combate estético que também visa a atemporalidade. Ainda que Silveira não tenha dado o devido reconhecimento ao valor jornalístico-literário de seus textos escritos durante a sua missão na Itália, sua coletânea de reportagens coloca em evidência uma dupla intencionalidade: assegurar uma sobrevivência aos textos e conferir-lhes um caráter documental. No prefácio de *Histórias de Pracinha*¹⁷, livro publicado originalmente em 1946, o jornalista escreveu a seguinte nota:

Está mais do que visto que as crônicas, reportagens e notícias reunidas neste livro não possuem nenhum valor literário. Foram todas elas escritas ao ritmo da marcha dos acontecimentos, e muitas vezes aquela marcha ultrapassava a rapidez da própria máquina de escrever do correspondente. Como se trata, porém, de instantâneos apanhados ao vivo, por uma testemunha quase diária da luta dos pracinhas brasileiros e dos dramas do povo italiano desmantelado pelo fascismo e pela guerra, é possível que amanhã ou depois se descubra nos escritos colecionados neste volume algum valor documentário. É isto precisamente o que justifica aos olhos do autor e provavelmente do público a publicação em livro de uma extensa matéria que fora, durante sete meses, espalhada pelos jornais da cadeia dos ‘*Associados*’.

Na nota redigida pelo jornalista, fica claro o seu combate e a sua ambição em atribuir ao conjunto de sua produção de guerra um valor histórico e, portanto, atemporal, à imagem do que representa a literatura. Mais do que um desejo de prestígio e reconhecimento, a perenização de suas reportagens era vista por ele como o destino natural reservado aos textos ligados à “luta dos pracinhas brasileiros e dos dramas do povo italiano desmantelado pelo fascismo e pela guerra”. Transpostas ao livro, suas matérias, antes fragmentos de acontecimentos, adquiriram, além de um valor atemporal, uma unidade, tornando-se uma “uma extensa matéria” com uma coerência temática e cronológica.

CONCLUSÃO

Mais do que um produto de massa, o jornalismo, que desempenha um papel social relevante, alcançou valor estético devido à sua aproximação com a literatura e, por conta dessa relação, adquiriu um valor agregado. Isso ocorre porque a literatura, disciplina responsável por elevar a escrita ao status de arte, com todo o seu arsenal de recursos, proporciona ao jornalismo a possibilidade de conferir a seus textos um sentido que vai além do mero informativo. Silveira, enviado ao *front* de batalha não só para atuar como correspondente, mas também para travar um combate no campo discursivo e narrativo, se vestiu dessa armadura literária e declarou guerra – ainda que não abertamente – contra a informação seca e desprovida de humanidade e de qualidades literárias.

Já a transferência física de suas reportagens da esfera jornalística (imprensa escrita) para a editorial (livro) contribuiu para que houvesse uma perenização de seus textos, que, se deixados no jornal, teriam simplesmente caducado. A publicação das reportagens de Silveira em livro serviu para preservar a história e a memória dos 25 mil soldados brasileiros enviados à Itália e de todos os que viveram a guerra. Além disso, é nas páginas de *O inverno da Guerra*, cujos textos adquiriram valor histórico, que o jornalista conseguiu, numa lógica bourdieusiana de capital simbólico, recompen-

sar a sua própria atuação como correspondente na cobertura da Segunda Guerra Mundial.

De forma mais ampla, a publicação de coletâneas de crônicas e reportagens, de livros-reportagens, e o surgimento dos *mooks*, que, conforme a definição de Vanoost (2017), estão a meio caminho entre uma revista e um livro, participam do combate temporal do jornalismo literário e propõem novas formas de leitura e consumo da informação, pautada aqui numa ótica jornalístico-literária.

As lutas estética e temporal do jornalismo literário abrem, portanto, perspectivas para a sua fomentação epistemológica, na medida em que agregam novas práticas de produção e de consumo desse jornalismo. Sendo assim, o combate do jornalismo literário para se forjar uma autonomia se alia aos outros dois, que visam a defender uma imprensa não “desliterarizada” e a garantir sobrevivência ao texto jornalístico. Juntas, essas lutas constituem, na atualidade, o triplo combate dessa vertente que ainda disputa um espaço no campo teórico e nas redações.

Submissão: 31/05/2023
Data de aceite: 08/05/2024

NOTAS

¹ Nomenclatura sugerida na tese de doutorado de Ailton Sobrinho (2022) com base no trabalho em torno da experiencialidade de Monika Fludernik (1996).

² Destacamos a palavra “autônomo”, pois uma teoria do jornalismo literário destituída de contribuições de outras disciplinas, sendo ele um exemplo multidisciplinar por excelência, nos parece impensável.

³ Referimo-nos ao tempo em todas as suas nuances no jornalismo: o tempo do acontecimento, o tempo necessário para produzir a matéria e o tempo de “validade” das informações.

⁴ Não nos referimos ao termo “profissionalização” no sentido da necessidade de um diploma para o exercício da profissão. No Brasil, essa obrigação só entrou em vigor em 1969 com o Decreto-Lei 972/69, editado em plena ditadura militar. Usamos o termo no sentido de reconhecimento social da atividade do jornalista como tal, dissociada da prática literária.

⁵ Citação retirada da edição especial da revista *Press*, publicada em 2017, dez anos após a morte de Joel Silveira.

⁶ Frase citada numa entrevista concedida por Silveira a Fernando Miranda como parte de sua pesquisa. A íntegra da entrevista, realizada oito meses antes da morte do jornalista, foi publicada no artigo “Uma conversa com Joel Silveira” (2007), da revista da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom).

⁷ Citação retirada do documentário “Garrafas ao mar: a vibora manda lembranças”, de Geneton Moraes Neto (2013).

⁸ Apresentaremos nas notas de rodapé de 9 a 13 citações extraídas das reportagens que fazem referência a esses elementos. Na leitura, podemos observar que, mesmo na presença de um elemento objetivante, o autor tende a fazer uso da literariedade na construção de seus textos.

⁹ “Há pedaços de céu que pertencem aos nazistas, e os alemães defendem sua porções com baterias e metralhadoras. “Nestes últimos cinco dias”, me diz o major Belloc, “os nazistas estão atirando muito”. (Silveira, em “Aqui lá é Bolonha”, 2005, p. 87)

¹⁰ “Entramos em Pistóia quando na cidade a noite já era fechada”.

(Silveira, em “Encontro com Pistóia”, 2005, p. 29)

¹¹ “O serviço postal aqui na frente está localizado em apenas duas salinhas. Repletas de caixotes e embrulhos. Lá dentro, dia e noite, estão o terceiro-sargento Ivan de Matos, os cabos Souza e Cardoso, e os soldados Baglioli e Vieira Neto”. (Silveira, em “O anjo postal”, 2005, p. 53)

¹² “Na noite do dia 20 de fevereiro, véspera do definitivo ataque a Castelo, o segundo-tenente Kléber Gomes Ferreira, da 6ª Companhia do 11º Regimento de Infantaria, recebeu ordem de executar uma tarefa difícil e perigosa: com os seus homens, precisamente 38, ele teria que ocupar Abetaia, enfrentando a insone vigilância inimiga”. (Silveira, em “Abetaia é nome feio”, 2005, p. 99)

¹³ “Dos 1.800 habitantes de Fara S. Martino, por exemplo, 1.200 ficaram sem teto. Em Fileto, uma pequena cidade de 1.940 habitantes, 1.200 pessoas estão morando em cavernas abertas nas montanhas próximas ou refugiadas nos pequenos bosques das adjacências. Dos 3 mil habitantes de Gessopalena, 2 mil estão sem casa”. (Silveira, em “A Itália desgraçada”, 2005, p. 159)

¹⁴ Esse efeito de mudança de ação é marcado, sobretudo, pelo uso de dêiticos espaço-temporais (agora, aqui em cima, na grama, e lá segue, aqui em cima alguns minutos) e pelo uso de frases curtas que tornam a narrativa mais dinâmica.

¹⁵ É importante ressaltar que a discussão sobre a noção de temporalidade proposta aqui não diz respeito nem ao valor gramatical que ela pode ter em um texto, relacionado à escolha e à categorização dos tempos verbais (Émile Benveniste, 1974) e (Gustave Guillaume, 1929), nem ao aspecto discursivo, estudado pela narratologia (Gérard Genette, 1972). A forma de “temporalidade” que nos interessa é a que ocorre fora da obra, ou seja, a temporalidade ligada à durabilidade do texto após sua publicação no jornal ou em um livro.

¹⁶ Fazemos referência ao livro em oposição ao jornal sem considerar o papel atual da internet que também pode assegurar uma hospedagem segura para produções jornalísticas e literárias diversas.

¹⁷ *Reportagens publicadas nesta edição, reunindo matérias anteriormente publicadas nos Diários Associados, deram origem ao livro O inverno da guerra, de 2005.*

REFERÊNCIAS

- Bak, J. (2020). "General introduction to the ReportAGES series". In: *Literary journalism and civil war. Reportage and civil wars through the ages*. Galindo, J., Cuartero, A. et Malavé, N (éds.), pp. Nancy: Presses Universitaires de Nancy.
- Bak, J. et Martinez, M. (2018). *Jornalismo Literário como disciplina*. Brazilian Journalism Research. 14(3), 644-651.
- Bak, J. et Reynolds, B. (2011). *Literary Journalism across the globe*. Boston: University of Massachusetts Press.
- Barthes, R. (1984). *Le bruissement de la langue*. Paris : Seuil.
- Borges, R. (2013). *Jornalismo literário : teoria e análise*. Florianópolis: Insular.
- Charon, J. (1996). « Journalisme et sciences sociales : proximités et malentendus ». In : *Usage sociaux des sciences sociales*, 36(9), 16-32. doi : 10.3406/polix.1996.1977.
- Chartier, R. (2011). *Qu'est-ce qu'un livre ?*, La lettre du Collège de France [En ligne], 31, consulté le 06 décembre 2019. URL : <http://journals.openedition.org/lettre-cdf/1240> ; DOI : 10.4000/lettre-cdf.1240
- Chillón, A. (1999). *Literatura y periodismo: una tradición de relaciones promiscuas*. Bellaterra: Universitat Autònoma de Barcelona.
- Cosson, R. (2007). *Fronteiras contaminadas: literatura como jornalismo e jornalismo como literatura no Brasil dos anos 1970*. Brasília: Editora Universidade de Brasília.
- Faria, N. (2011). *Jornalismo literário: um olhar histórico para o gênero e suas características*, Comunicação Pública [Online], Especial 01E | 2011, consultado 21 de março de 2020. URL: <http://journals.openedition.org/cp/210>; DOI: <https://doi.org/10.4000/cp.210>
- Gabet, D. (1997). « Quelques remarques sur le concept de littérarité ». In: *Actes du IV Coloquio de l'Asociación de Profesores de Filología Francesa de la Universidad Española*. ISBN 84-89728-35-6. pags. 323-330.
- Keeble, R. (2018). "Jornalismo literário como disciplina: além de Tom Wolfe". In: *Brazilian Journalism Research*. DOI: 10.25200/BJR.v14n3.2018.1126
- Lima, E. (2009). *Páginas ampliadas: o livro reportagem como extensão do jornalismo e da literatura*. 4ª ed. Barueri: Manole.
- Lima, E.. (2014). *Jornalismo literário para iniciantes*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.
- Meuret, I. (2012). *Le Journalisme littéraire à l'aube du XXIe siècle : regards croisés entre mondes anglophone et francophone*, CONTEXTES [Online], 11, connection on 11 July 2019. URL : <http://journals.openedition.org/contextes/5376> ; DOI : 10.4000/contextes.5376
- Miranda, F. (2007). "Uma conversa com Joel Silveira". In: *Anais Intercom*. São Paulo. <http://www.intercom.org.br/papers/outros/hmidia2007/resumos/R0064-1.pdf>
- Moraes Neto, G. (2013). *Garrafas ao mar: a víbora manda lembranças* [vídeo on-line]. G1.globo.com, 7 de junho de 2013 [consultado no dia 19 de abril de 2020] <https://cutt.ly/Syg51WL>
- Motta, L. (2005). "A Análise Pragmática da Narrativa Jornalística". In: *Congresso Brasileiro de Ciências Da Comunicação*. São Paulo: Intercom. Consulté le 3 mars 2021. <http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/105768052842738740828590501726523142462.pdf>
- Parratt, S. (2003). *Introducción al reportaje: antecedentes, actualidad y perspectivas*. Santiago de Compostela: Universidade de Santiago de Compostela.
- Pélissier, N. et Eyriès, A. (2014). *Fictions du réel : le journalisme narratif*, Cahiers de Narratologie [En ligne], 26 | 2014, mis en ligne le 14 octobre 2014, consulté le 03 mars 2020. URL : <http://journals.openedition.org/narratologie/6852> ; DOI : <https://doi.org/10.4000/narratologie.6852>
- Pennafort, R. (2017). "Joel Silveira, a víbora da reportagem". Portal Press. Acesso em 11 de outubro de 2021, <http://revisitapress.com.br/revista-press/press-grandes-nomes/edicao-180-joel-silveira-a-vibora-da-reportagem/>
- Silveira, J. (2005). *O inverno da guerra*. São Paulo: Objetiva.
- Silveira, J. (1946). *Histórias de pracinha*. Rio de Janeiro: Brasileira de Ouro.
- Silveira, J. (1998). *Na fogueira: memórias*. Rio de Janeiro: Mauad.
- Sobrinho, A. (2022). *De la chronique journalistique au reportage de guerre : fiction et non-fiction dans le journalisme littéraire de Rubem Braga et de Joel Silveira*. Thèse de doctorat, sous la direction de Saulo Neiva. Université Clermont Auvergne.
- Vanoost, M. (2017). « Qui sont les lecteurs de mooks ? », *Communication* [En ligne], vol. 34/2, mis en ligne le 25 juillet 2017, consulté le 29 février 2020. URL : <http://journals.openedition.org/communication/7341> ; DOI : <https://doi.org/10.4000/communication.7341>



O triplo combate do jornalismo literário: epistemológico, estético e temporal

Le triple combat du journalisme littéraire : une bataille sur les fronts de l'épistémologie, de l'esthétique et de la temporalité

El triple combate del periodismo literario librado en los frentes epistemológico, estético y temporal

A Triad of Battles Fought by Literary Journalism on the Epistemological, Aesthetic and Temporal Fronts

Pt. O jornalismo literário, vertente que se alimenta de um ponto de vista discursivo e teórico de uma dialética possível entre os polos da ficção e da não ficção, trava um combate que podemos considerar triplo. No presente artigo, pretendemos trazer esses combates para a arena da discussão de forma a contribuir com as reflexões sobre a prática do jornalismo literário dentro e fora dos campos de guerra. Assim, faremos referência ao combate dessa modalidade jornalística pelo reconhecimento de uma certa independência epistemológica em relação às disciplinas que sempre lhe serviram de apoio, como o próprio jornalismo e a literatura. Daremos enfoque ao combate que busca conferir um valor estético aos textos inscritos nessa vertente por meio da adoção de técnicas literárias e trataremos do combate temporal, que visa a garantir aos textos classificados como jornalístico-literários o selo da perenidade. Esse combate triplo, incidindo no campo teórico, discursivo e editorial, posiciona o jornalismo literário em várias linhas de frente, cujas lutas estética e temporal abrem novas perspectivas epistemológicas ao agregarem outras práticas de produção e de consumo desse jornalismo. Para ilustrar de que forma esses prélios se manifestam nessa modalidade jornalística, observaremos como o jornalista Joel Silveira, um dos grandes nomes do jornalismo literário brasileiro, travou os combates estético e temporal na produção de suas reportagens durante a cobertura da Segunda Guerra Mundial para os *Diários Associados*. Travando um combate contra a aridez do texto jornalístico tradicional e posicionando-se a favor de uma estética jornalístico-literária, Silveira abriu, de forma precursora no contexto brasileiro, caminhos para uma prática jornalística pautada não só pelos fatos, mas também pela literariedade. Essa abertura, como veremos, conferiu maior solidez à sua produção e permitiu que suas reportagens, marcadas pela temática da guerra, se distanciassem da efemeridade típica do texto jornalístico e alcançassem um status de perenidade.

Palavras-chave: Jornalismo literário, reportagem, combate, guerra, Joel Silveira

Fr. Le journalisme littéraire, une branche qui se nourrit d'un point de vue discursif et théorique d'une dialectique possible entre les pôles de la fiction et de la non-fiction, mène un combat sur le plan textuel et épistémologique que l'on peut considérer triple. Dans le présent article, nous comptons convoquer ces combats dans l'arène de la discussion afin de contribuer aux réflexions sur la pratique du journalisme littéraire, dans et en dehors des champs de bataille. Ainsi, nous ferons référence au combat de cette modalité journalistique pour la reconnaissance d'une certaine indépendance épistémologique par rapport aux disciplines qui lui ont toujours servi de support, comme le journalisme et la littérature. Nous mettrons l'accent sur le combat visant à conférer une valeur esthétique aux textes inscrits dans cette branche par l'adoption de techniques littéraires, et nous traiterons du combat temporel qui vise à garantir aux textes classés comme *journalistico-littéraires* le sceau de la pérennité. Ce combat triple, se déployant sur les plans théorique, discursif et éditorial, positionne le journalisme littéraire sur plusieurs fronts. Ses luttes esthétique et temporelle ouvrent ainsi de nouvelles perspectives épistémologiques, dans la mesure où elles intègrent de nouvelles pratiques de production et de consommation de ce journalisme. Pour illustrer comment ces *praelia* se manifestent, nous observerons la façon dont le journaliste Joel Silveira, une référence du journalisme littéraire brésilien, a mené les combats esthétique et temporel dans la production de ses reportages durant la couverture de la Seconde Guerre mon-

diale pour les *Diários Associados*. En menant un combat contre l'aridité du texte journalistique traditionnel et en se positionnant en faveur d'une esthétique *journalistico-littéraire*, Silveira a ouvert, de manière précurseur dans le contexte brésilien, des chemins pour une pratique journalistique fondée non seulement sur les faits, mais aussi sur la littérature. Cette ouverture, comme nous le verrons, a conféré une plus grande solidité à sa production et a permis à ses reportages, marqués par la thématique de la guerre, de s'éloigner de l'éphémérité typique du texte journalistique et d'atteindre un statut de pérennité.

Mots-clés : Journalisme littéraire, reportage, combat, guerre, Joel Silveira

Es. El periodismo literario, una vertiente que se nutre desde un punto de vista discursivo y teórico de una posible dialéctica entre los polos de la ficción y la no ficción, libra un combate que podemos considerar triple. En este artículo pretendemos llevar estos combates a la arena de discusión para contribuir a las reflexiones sobre la práctica del periodismo literario dentro y fuera de los campos de guerra. Así, haremos referencia al combate de esta modalidad periodística por el reconocimiento de una cierta independencia epistemológica en relación con las disciplinas que siempre le han servido de apoyo, como el propio periodismo y la literatura. Nos centraremos en el combate que busca dar un valor estético a los textos inscritos en esta vertiente mediante la adopción de técnicas literarias y abordaremos el combate temporal, que busca garantizar a los textos clasificados como periodístico-literarios el sello de la perennidad. Este triple combate, que incide en los campos teórico, discursivo y editorial, sitúa el periodismo literario en varias líneas de frente, cuyas luchas estéticas y temporales abren nuevas perspectivas epistemológicas al agregar otras prácticas de producción y consumo de este periodismo. Para ilustrar cómo se manifiestan tales combates en esta modalidad periodística, observaremos cómo el periodista Joel Silveira, uno de los grandes nombres del periodismo literario brasileño, libró las batallas estéticas y temporales en la producción de sus reportajes durante la cobertura de la Segunda Guerra Mundial para la empresa *Diários Associados*. Al luchar contra la aridez del texto periodístico tradicional y adoptar una postura a favor de una estética periodístico-literaria, Silveira abrió, de manera pionera en el contexto brasileño, caminos para una práctica periodística guiada no solo por los hechos, sino también por la literariedad. Esta apertura, como veremos, confirió mayor solidez a su producción y permitió que sus reportajes, marcados por la temática de la guerra, se distanciaran de la efimeridad característica del texto periodístico y alcanzaran un estatus de perennidad.

Palabras clave: Periodismo literario, reportaje, combate, guerra, Joel Silveira.

En. Literary journalism, a form of journalism that uses a discursive and theoretical point of view of fiction and non-fiction, is engaged in a triad of battles. In this article, we discuss these battles in order to reflect on literary journalism both on and off the battlefield. The struggle we refer to in this journalistic form has to do with a certain epistemological independence in relation to the disciplines it is based on, namely journalism itself and literature. We focus on the fight to give aesthetic value to the texts in this form through the adoption of literary techniques, and we deal with the temporal fight which aims to guarantee the continued occurrence of journalistic-literary texts. This triad of battles, that affects the theoretical, discursive and editorial fields, places literary journalism on several front lines, the aesthetic and temporal struggles of which open up new epistemological perspectives by adding other forms of producing and consuming this journalism. To illustrate how these conflicts manifest in this type of journalism, we observe how journalist Joel Silveira, one of the great names in Brazilian literary journalism, fought aesthetic and temporal battles producing reports during his coverage of the Second World War for *Diários Associados*. Fighting against the blandness of traditional journalistic texts, and positioning himself in favor of a journalistic-literary aesthetic, Silveira was a pioneer in Brazil, opening up pathways for a form of journalism guided not only by facts, but also by literature. This opening, as we shall see, gave greater solidity to his production and allowed his reports, based on war, to separate themselves from the ephemerality so typical of journalistic texts and achieve a status of permanence.

Key Words: Literary journalism, report, combat, war, Joel Silveira